

POR UMA ADMINISTRAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO: O PLANO ANALÍTICO DO VELHO GUERREIRO

ELINALDO LEAL SANTOS

(UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB)

EMERSON DE SOUSA SILVA

(UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS)

Preâmbulo

Na atual situação em que chegou a sociedade brasileira, um país sem projeto de nação, sem perspectiva econômica, com desmonte do estado de bem-estar social, ataque às instituições democráticas, aumento expressivo do desemprego, da pobreza e da desigualdade, nada mais apropriado e necessário que revisitar o pensamento do Velho Guerreiro. Em função disso, a Revista Brasileira de Administração Política (REBAP), com essa edição especial de textos inéditos do maior pensador da história intelectual brasileira, o pai da sociologia e da administração crítica do Brasil, (re)abre um horizonte de possibilidades interpretativas sobre a origem, o trajeto e a finalidade de *A Nova Ciência das Organizações*, a última obra de Guerreiro Ramos.

Nossa participação neste projeto foi interpretar os manuscritos à luz da administração do desenvolvimento¹, esboçada nas obras *Mito e Verda-*

¹ Administração do Desenvolvimento apresenta-se como um subcampo da Administração cuja finalidade é estudar a gestão das relações sociais de produção, distribuição e consumo de países, regiões, lugares e/ou organizações, de modo a garantir o bem-estar da sociedade. Para um

de da Revolução Brasileira (1963) e *Administração e Estratégia do Desenvolvimento* (1966), uma fase fundamental no plano investigativo do autor para publicar *A Nova Ciências das Organizações* (1981). Para isso, foi necessário resgatar um pouco a trajetória de vida, o lugar de fala e a visão de mundo de Guerreiro Ramos, algumas das suas categorias analíticas, em especial a “redução sociológica”, o “homem parentético” e a “sociedade multicêntrica”, bem como o seu projeto de nação, forjado, prosado e versado no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB).

Todavia, é preciso lembrar que a obra de Guerreiro é vasta e permite várias leituras, que transitam pelas questões etnicorraciais, em textos como *O Problema do Negro na Sociologia Brasileira* e *A Patologia Social do Branco Brasileiro*; questões relacionadas à epistemologia do conhecimento (eurocentrismo/colonialismo), tratada na obra *A Redução Sociológica*; gestão do desenvolvimento, nosso recorte neste trabalho, assim como sociedade multicêntrica, eixo central em *A Nova Ciência das Organizações*. Enfim, um legado teórico, metodológico e político bastante extenso.

Para efeito de sistematização, além dessa introdução, estruturamos este trabalho em quatro seções: a primeira apresenta um breve relato da trajetória de vida do autor, destacando o seu lugar de fala, sua atuação acadêmica, profissional e política na sociedade brasileira. A segunda apresenta, com base nos manuscritos inéditos, a origem das categorias analíticas (redução sociológica, homem parentético e sociedade multicêntrica) formuladas pelo autor para conceber o seu projeto de nação e defender sua tese em *A Nova Ciência das Organizações*. A terceira seção contextualiza a administração do desenvolvimento brasileiro à luz do pensamento guerreiriano e, por fim, as considerações finais sobre o tema tratado.

Trajatória de vida: o drama de ser dois

Não é a nossa intenção fazer o relato fiel da biografia do autor, mas apenas situar o leitor a respeito de quem estamos falando. Estamos a falar de um brasileiro, nordestino, baiano, sociólogo, filósofo, político, de ancestralidade africana, que se tornou o maior intelectual da sociologia e da administração crítica do Brasil. Alberto Guerreiro Ramos nasceu em Santo

aprofundamento sobre a temática, recomendamos consultar a obra *Administração do Desenvolvimento: história, teorias e perspectivas* (Santos; Santos; Braga, 2018).

Amaro da Purificação, cidade do estado da Bahia, em 13 de setembro de 1915. Ele viveu boa parte da sua infância em cidades pobres, próximo ao Rio São Francisco, e posteriormente se mudou para capital do estado, Salvador, onde residiu até sua ida definitiva para o Rio de Janeiro, em 1939, então com 24 anos de idade. Em 1937, publicou a sua primeira obra, um livro de poemas, intitulado *O Drama de Ser Dois*. Em 1939, ingressou na primeira turma do curso de Ciências Sociais da Faculdade Nacional de Filosofia da antiga Universidade do Brasil e publicou o seu segundo livro, intitulado *Introdução à Cultura*, no qual versava sobre Cultura, Humanismo, Personalismo e Poesia. Em 1942, graduou-se em Ciências Sociais e, no ano seguinte, em Direito. Em 1949, prestou concurso para efetivação como técnico em administração, apresentando como requisito para mérito o trabalho *Uma Introdução ao Histórico da Organização Racional do Trabalho*. No Brasil, foi assessor de planejamento econômico da Casa Civil do governo Getúlio Vargas (1951-1954); diretor do departamento de sociologia do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) (1955-1958); dirigente do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB); suplente do deputado Leonel Brizola, tendo assumido a função em 1963 e sendo cassado em abril de 1964; fundador e professor da Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP) da FGV e professor visitante da Universidade Federal de Santa Catarina, onde implantou o curso de Mestrado em Planejamento Governamental. Em decorrência da sua cassação política, a partir de 1966, passou a residir nos Estados Unidos, trabalhando na *University of Southern California*; publicou o livro *Administração e Estratégia do Desenvolvimento*, reeditado em 1983 com o título de *Administração e Contexto Brasileiro*. Em 1981, publicou pela Editora da Universidade de Toronto *A Nova Ciência das Organizações: uma reconceituação da riqueza das nações* e ganhou o prêmio *Pib kappa Book Award*, como a melhor publicação da área de administração. Faleceu em 1982, nos Estados Unidos. Uma trajetória pautada entre o pensar e o agir; entre o cientista social, conhecedor profundo de uma literatura vasta e o burocrata engravatado, formulador de políticas públicas, um desenvolvimentista; entre o agente político, dirigente partidário, deputado federal e o agente público, servidor do estado brasileiro, professor universitário, cidadão do mundo, enfim, um administrador político, o drama de ser dois (Azevedo, 2006).

Ponto de partida: da fenomenologia à nova ciência das organizações

A base epistemológica do pensamento guerreiriano encontra-se na filosofia de Edmund Husserl (1859-1938), filósofo alemão, precursor da filosofia contemporânea que reposicionou a relação sujeito-objeto na teoria do conhecimento, com o método fenomenológico². Porém, não se reduz à essa compreensão filosófica, uma vez que o próprio Guerreiro Ramos deixa claro, nos textos aqui publicados, *Viagem Parentética I, II e III*, que a fenomenologia é um requisito de aprendizagem, um rito de passagem indispensável para qualquer um que pretende ser um cientista social, não o fim em si mesmo, mas o início para uma ciência pós-fenomenológica, uma nova ciência.

A tarefa de pensar sobre as implicações das ideias de Husserl nas ciências sociais e, conseqüentemente, na administração e nas organizações, possibilitou a Guerreiro Ramos desenvolver um plano analítico de investigação que resultou na publicação de inúmeros trabalhos, entre os quais, destacamos: *A Redução Sociológica* (1958), *Mito e Verdade da Revolução Brasileira* (1963), *Administração e Estratégia do Desenvolvimento* (1966) e *A Nova Ciência das Organizações* (1981). Nestes trabalhos, podemos verificar as suas categorias analíticas, a redução sociológica, o homem parentético, a racionalidade substantivam e a sociedade multicêntrica.

A expressão *redução sociológica* é uma (re)conceituação da *redução fenomenológica* husserliana, que vem da ideia da *epoké* grega (suspensão do juízo), não fazer julgamento prévio antes de conhecer a essência dos fatos, que, em Husserl, significava por entre parênteses, suspender, desconectar, não colocar em ação. Todavia, a redução sociológica pensada

² Antes de Edmund Husserl a relação sujeito-objeto era explicada por três importantes vertentes: realismo, idealismo e relativismo. A vertente realista considera o ponto de partida para construção do conhecimento, o objeto em si mesmo, a primazia das coisas, ou seja, a realidade se encontra na aparência. A vertente idealista, por sua vez, advoga que a realidade provém do sujeito, a partir da razão humana. A terceira é a síntese, uma solução de meio termo entre as duas outras vertentes, proposta por Immanuel Kant (1724-1804), que considera o conhecimento um produto decorrente da apreensão sensível das coisas (objeto) e do intelecto que formaliza essa apreensão (sujeito), isto é, uma verdade relativa ao sujeito e ao objeto, elementos transcendentais do conhecimento. Para Husserl, esses sistemas especulativos, abstratos, deveriam dar lugar às evidências indubitáveis, a uma filosofia rigorosa, a um método investigativo fundamentado na *epoké* (suspensão do juízo), suspensão do conhecimento do senso comum, da ciência e da filosofia, de modo a alcançar a consciência do conhecimento, considerando que toda consciência é uma consciência de algo, portanto não existe sujeito sem objeto, nem objeto sem sujeito, o que existe é a intencionalidade das coisas, uma interpretação da realidade.

por Guerreiro é um método de assimilação crítica da produção sociológica estrangeira, que deveria ser adotado pelos cientistas sociais, com a finalidade de transcender os ditames da velha ciência. Em outros termos, compreender o fenômeno partindo do seu contexto, compreender o Brasil a partir da sua realidade. Uma visão científica, metodologicamente oposta ao que era praticado pela “elite” da sociologia brasileira, especificamente os pesquisadores da USP, liderados por Florestan Fernandes, que entendiam como ciência verdadeira a proveniente dos grandes centros, como Europa e EUA, ou seja, o estrangeirismo científico.

O método da redução sociológica fez de Guerreiro Ramos um conhecedor profundo dos problemas brasileiros. Seus estudos sobre puericultura, orçamento familiar, padrão de vida, pobreza, mortalidade infantil, racismo, medicina popular, bem como aqueles que trataram dos problemas administrativos, econômicos e políticos do país, deram-lhe bases para conceber um projeto de administração do desenvolvimento brasileiro, pensado e gestado no âmbito do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), posteriormente suprimido pela elite da época.

Outra categoria analítica do pensamento guerreiriano, originário da fenomenologia, é a ideia de homem parentético, um modelo de homem, inicialmente projetado em *Mito e verdade da revolução brasileira* (1963), mas, posteriormente, retomado, de forma mais intensa na série *Viagem Parentética* e no artigo seminal *Models of man and administrative theory* (1972). A fenomenologia, para o Velho Guerreiro, é um ponto de partida, uma base teórica para o desenvolvimento do seu plano analítico, um encontro necessário para conceber o seu modelo de homem (homem parentético), de ciência (*A nova ciência das organizações*) e de sociedade (multicêntrica), além de um método orientador de possibilidades e perspectivas humanas, contrário ao positivismo que orienta para um mundo de possibilidades limitadas, por demais estreita da realidade.

Esse entendimento, associado à sua percepção sobre o ambiente prefigurativo da sociedade americana, isto é, uma sociedade futurista, possibilita Guerreiro Ramos conceber o seu modelo de homem e de sociedade. O homem parentético é uma categoria analítica resultante do perspectivo fenomenológico, da práxis guerreiriana e da síntese dos modelos de homem contemporâneo (patológico, descritivo e normativo), existentes na literatura da época. O homem parentético é um ser autônomo diante dos fatos, que possui uma consciência crítica e valores concebidos fora do âmbito da

racionalidade utilitária, é um ser que só se justifica num modelo de sociedade pós-industrial, uma sociedade para além da lógica do mercado. Em outras palavras, uma sociedade multicêntrica, multidimensional.

A série *Viagem Parentética* (Ramos, 2020a; 2020b; 2020c) e o manuscrito *Esboço do livro O Homem Parentético* (Ramos, 2020d) formaram o fio condutor para o velho Guerreiro chegar até *A Nova Ciência das Organizações* e defender o seu paradigma paraeconômico da sociedade multicêntrica. A sociedade multidimensional se contrapõe à sociedade unidimensional, em que só existe um tipo de socialização, aquela em que as ações humanas são guiadas pela racionalidade do mercado e agem como se tal racionalidade fosse supremo padrão normativo de todo o espectro de suas relações interpessoais. Nesse modelo de sociedade, o homem é capaz de desempenhar diversas atividades da vida social (econômicas, culturais, religiosas, científicas, tecnológicas) sem perder a consciência da ação e dos fatos, uma vez que não se comporta como um ser passivo de uma realidade social dominada exclusivamente pelo mercado (Santos; Santos; Braga, 2015).

Em suma, as categorias analíticas pensadas por Guerreiro lhe proporcionaram um arcabouço teórico-metodológico necessário e imprescindível à defesa da tese da (re)conceituação da riqueza das nações, tendo a sociedade brasileira como o campo de observação dos seus estudos.

Guerreiro Ramos: a originalidade de uma visão de mundo

No prefácio de *Mito e verdade da Revolução brasileira*, Guerreiro Ramos (1963) exortava a quem o lia que o movimento emancipador brasileiro era ameaçado por uma enorme e inaudita desnaturalização dos seus predicados, seja por conta do uso de formas de interpretação equivocadas a que se expunha, seja pela importação de modelos de aplicação alienígenas à própria formação histórica do país, que, tal como se deitasse à Cama de Procusto, via-se mutilada a fim de ser então adequada.

Como antídoto a esse fato, no mais das vezes, ele se pautou por uma abordagem na qual o equacionamento da problemática nacional sempre fosse operacionalizado com base num ponto de fuga centralizado na figura de um desenvolvimento independente, ainda que os ouvidos para as suas ideias fossem moucos ou, mesmo que sensíveis, poucos.

Vale assinalar que Guerreiro Ramos refugava qualquer proceder visto como dogmático ou de viés positivista, o que o levou a gerar atritos tantos com agrupamentos associados ao Partido Comunista do Brasil (PCB) quanto com segmentos político-intelectuais tidos por nacionalistas, principalmente após 1960.

Torna-se necessário ter consigo que ele também repelia, com todas as forças que estivessem à sua disposição, qualquer tentativa de fazer passar como ordenamentos ou ações pró-desenvolvimento nacional atos que, basicamente, serviam como meios de atendimento a interesses comezinhos de grupos e alianças isolados.

Vã e inglória é a tarefa de tentar separar em Guerreiro Ramos o intelectual do político. Assim como uma espada de dois gumes, para qualquer lado que fosse brandida o seu fio cortava pregando a mesma mensagem: o Brasil deve trilhar um caminho autônomo em seu processo de desenvolvimento, sem a necessidade de importar conceitos e definições estrangeiros.

O seu compromisso era, também, com a construção de uma ciência social que fosse depurada de elementos ideológicos – ainda que ele reconhecesse a dificuldade de se alcançar esse requisito em toda a sua plenitude –, fazendo com que ela se apresentasse como uma ferramenta de inspeção e compreensão das realidades sociais, cobrando dos seus operadores uma permanente atenção contra a emergência de falácias e de imprecisões conceituais.

Por sinal, a sua crítica ao método positivista reside no fato de que essa perspectiva procedimental tem como objetivo a busca por uma fórmula unívoca dos acontecimentos, em que monolíticas explicações da realidade são construídas com base num arcabouço que é recepcionado como as regras basilares do fazer científico, expressando uma crença numa quimera, a saber: a separação entre ser humano e realidade concreta.

Guerreiro Ramos dispensa essa acepção e advoga que se rompeu a linha de fronteira entre a vida humana e a construção social, e que, ao contrário do que diz o monismo positivista, o cientista social deve entender que a realidade é um dado que sempre é percebido e apreendido a partir de uma perspectiva.

Com o marxismo-leninismo, a sua cisma surge mais como uma decorrência dessa mesma percepção, haja vista que, a seu ver, muitos dos comentaristas desse constructo intelectual em solo nacional se empenhavam

basicamente em reproduzir um discurso importado do leste europeu, sem a devida leitura do contexto brasileiro.

No entanto, a despeito dessa desvinculação dos grandes blocos de intervenção politicointelectual, Guerreiro Ramos está longe de ser uma “ovelha desgarrada” do pensamento social brasileiro. Pelo contrário, nele há método, conteúdo e originalidade suficiente para classificá-lo como um dos pontos cardeais da cientificidade nacional.

Isso fica nítido no esboço da estruturação do livro *A Nova Ciência das Organizações*, que então recebia o nome de *O Homem Parentético*. Ali são analisadas ideias de pensadores tão distintos quanto Karl Marx, Friedrich Hayek, Alvin Tofler e Eric Voegelin, argumentando de forma consistente sobre temas tais como a visão sociomórfica do homem, a perspectiva existencial da sociedade, bem como sobre a racionalidade e a existência humana (Ramos, s/d).

Para Guerreiro Ramos, a racionalidade é um predicado necessário para uma atitude verdadeiramente científica, mas essa encontra dificuldade de se manifestar em ambiente cotidiano, de modo que ela apenas pode se realizar em um contexto de sistemática transcendência dos componentes da vida diária, o que permitiria a apreensão das coisas da convivência social para além da influência ideológica.

Sem a persecução de tais desideratos, o cientista social fragiliza a sua posição, colocando em xeque as suas constatações e suas proposições, coalhando seus textos de tautologias e de declarações e vaticínios estruturalmente ingênuos, geralmente descambando para o dogmatismo e o enrijecimento conceituais.

Porém, é bom deixar claro que Guerreiro Ramos não via a compreensão dos fenômenos sociais como um ato puramente contemplativo, uma vez que ele defendia que os problemas reais não podem ser resolvidos puramente na arena teórica, ou seja, as construções dessa natureza somente deteriam alguma serventia caso fornecessem critérios e ferramentas que permitissem intervenções na concretude real.

Não foi por acaso que ele se lançou candidato a deputado federal, pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), no extinto estado da Guanabara, nas eleições parlamentares de 1962, muito embora, para infelicidade da história parlamentar do País, não tenha conseguido lograr sucesso direto por tão somente 900 votos, ficando na posição de suplente.

Também não é aleatório o fato de o homem parentético de Guerreiro Ramos desvelar-se como um ser dotado de meios que lhes possibilitaria sobreviver livremente em sociedades multifacetadas, detentoras de matizes culturais difusas, fortemente expostas à influência dos meios de comunicação de massa e cujos destinos não mais se afirmam no local, mas, também, no global.

Em suma, Guerreiro Ramos é uma das mentes mais privilegiadas dos estudos organizacionais do Brasil e, também, daquela região do Planeta que convencionou-se chamar de Terceiro Mundo. Ao propugnar por uma Sociologia nacional com pés em terra, ele permitiu que cabeça dos pesquisadores destas terras alçasse voo.

Para concluir

É com base no pensar e agir da fenomenologia husserliana, que Guerreiro Ramos coloca entre parênteses as evidências provisórias e formula ideias originais fundamentais às ciências sociais, administrativas e organizacionais, a exemplo das suas categorias analíticas (redução sociológicas, homem parentético, razão substantiva e sociedade multicêntrica).

Movido pela filosofia do pensar e agir, sempre estive à frente do seu tempo. Sua trajetória como gestor público, professor, pesquisador e político ilustra essa afirmação. As ideias que compuseram o seu plano analítico sempre estiveram presentes no seu fazer diário, quer seja como planejador de políticas públicas, quer seja como docente pesquisador das instituições ISEB, FGV, UFSC, USC, ou como político brasileiro. Guerreiro Ramos foi um contestador do mundo capitalista e, por causa disso, teve seus direitos políticos e de cidadão cassados no Brasil. *A Nova Ciência das Organizações*, obra seminal, evidencia o determinismo da lógica de mercado que ainda orienta a vida cotidiana e o pensamento organizacional do Brasil e do mundo.

Pensar uma administração do desenvolvimento brasileiro à luz do plano analítico de Guerreiro Ramos requer uma revisão profunda do projeto de nação em curso, uma redução sociológica, política, econômica e administrativa, capaz de rever crenças, valores, pressupostos e estruturas enraizadas no seio da sociedade brasileira. Mas, para isso, é necessária uma figura humana que esteja para além do homem operacional, utilitarista e oportunista, predominantemente, presente na sociedade capitalista

brasileira. Uma administração do desenvolvimento guerreiriana só é possível com uma figura humana apta para ver, julgar e agir, de modo a conceber outras formas de alocação de recursos e distribuição de riqueza, além das implementadas pelos modelos desenvolvimentistas e neoliberais. Somente assim seremos capazes de conceber uma administração do desenvolvimento nacional crítica e autônoma.

Referências

- AZEVEDO, Ariston. *A sociologia antropocêntrica de Alberto Guerreiro Ramos*. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- RAMOS, Alberto G. *Administração e estratégia do desenvolvimento: elementos de uma sociologia especial da administração*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1966.
- RAMOS, Alberto G. *Mito e verdade da revolução brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1963.
- RAMOS, Alberto G. Modelos de homem e teoria administrativa. *Revista de Administração Pública*, v. 18, n. 2, p. 3-12, 1984.
- RAMOS, Alberto G. Models of man and administrative theory. *Public Administration Review*, v. 32, n. 3, p. 241-246, 1972.
- RAMOS, Alberto G. *A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações*. Rio de Janeiro: FGV, 1981.
- RAMOS, Alberto G. Viagem Parentética I: Fenomenologia e Ciência Social. *Revista Brasileira de Administração Política - REBAP*, v. 13, n. 1, p. 13-24, 2020a.
- RAMOS, Alberto G. Viagem Parentética II – o homem inventa a si próprio ou rumo a uma Teoria do Encontro Parentético. *Revista Brasileira de Administração Política - REBAP*, v. 13, n. 1, p. 25-39, 2020b.
- RAMOS, Alberto G. Viagem Parentética III: A perda da inocência ou Por uma Ciência Social Pós-Fenomenológica. *Revista Brasileira de Administração Política - REBAP*, v. 13, n. 1, p. 40-52, 2020c.
- RAMOS, Alberto G. Esboço do livro *O Homem Parentético (II)*. *Revista Brasileira de Administração Política - REBAP*, v. 13, n. 1, p. 60-63, 2020d.

- SANTOS, Elinaldo.; SANTOS, Reginaldo. S.; BRAGA, Vitor. Administração do Desenvolvimento na perspectiva guerreirista: conceitos, contribuições e implicações. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 462-477, 2015.
- SANTOS, Elinaldo.; SANTOS, Reginaldo. S.; BRAGA, Vitor (orgs.). *Administração do desenvolvimento: história, teorias e perspectivas*. Curitiba: Appris, 2018.